



Mais de 3 mil pessoas, em frente ao Buriti, defendem o ensino público

MEC lança campanha pela paz nas escolas

Representantes do governo e da sociedade civil assinaram ontem documento com 17 compromissos, marcando o início do projeto Convocação Nacional Pela Educação para a Paz. A maior preocupação é com o crescimento dos casos de homicídios dentro das escolas. Só na Grande São Paulo foram oito no primeiro semestre deste ano, contra dois em todo o ano passado.

"A violência nas escolas sempre existiu, mas o que está chamando atenção é a chegada da violência fatal", disse Oscar Vilhena Vieira, secretário-executivo do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Crime e Tratamento do Delinquente. Oscar Vilhena não considera "assombrosos" os números da violência. "No ano passado, em São Paulo, foram 10 casos em área escolar entre 12 mil homicídios ocorridos em todo o estado", argumentou. O que preocupa não é a estatística, mas o fato da violência ocorrer em uma instituição de ensino.

Coordenadora de dois programas no Distrito Federal, o SOS Galera e o Se Liga Galera, a jornalista Liane Muhlenberg concorda com o representante das Nações Unidas. "Geralmente, a violência é gerada primeiro dentro de casa e o

aluno a carrega para a escola", disse ela.

O Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação (Consel), a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (Ubes), a Unesco e a Unicef assinaram o documento de compromissos, entre eles a promoção da cidadania, estímulo à discussão de valores éticos, integração entre escola e comunidade e o incentivo aos programas de grêmios para organização de atividades para os alunos.

Para o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, a escola deve preparar-se para a formação integral do aluno, considerando regras de convivência social e de paz. "Mas a escola só vai conseguir atingir seu objetivo se chamar a comunidade para discutir o caminho mais adequado", disse ele. O ministro defendeu a participação da sociedade na definição de atividades esportivas e culturais que eduquem e preencham o tempo do estudante. O governo federal, disse, dá sua contribuição com a divulgação de parâmetros curriculares, que incentivam a discussão em sala de aula de temas como a ética e a cidadania.

Comunidade apóia ensino público

Três mil pessoas - alunos, pais e professores da rede pública, além de sindicalistas - fizeram na manhã de ontem, em frente ao Palácio Buriti, uma manifestação em defesa da escola pública, pela gestão democrática e contra a violência nas escolas.

A manifestação foi promovida pelo Sinpro, que lançou a campanha Paz na Escola, uma tentativa de mobilizar a sociedade para a redução da brutalidade no interior dos colégios. Os 700 mil alunos das redes pública e privada foram convidados a participar de um concurso de frases que vai premiar 130 orações. Os melhores classificados ganharão mortalhas de dois blocos que estarão desfilando na Micarêcandanga, a ser realizada em agosto.

Segundo Evângelo Franco, diretor do Sinpro, para que a campanha dê certo, é necessário que se façam amplas parcerias com entidades representativas do DF, como UnB, OAB, CNBB e os órgãos da imprensa.

Entretanto, as críticas à atual ad-

ministração do GDF mereceram tanto, ou mais, importância que a campanha contra a violência. "Neste ano, só fomos recebidos uma única vez pelo governador Joaquim Roriz", criticou Evângelo Franco. O sindicato acusa a secretária Eurides Brito de não ter projeto para o ensino público.

A ofensa foi feita devido à presença da secretária no encontro promovido pelo Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação (Consel), ocorrido simultaneamente e a menos de 500 metros do local da manifestação, no Memorial JK.

Na oportunidade, foi lançado um documento de âmbito nacional pela educação e para a paz nas escolas, que inclui o fortalecimento dos valores democráticos - como a participação de grêmios estudantis e de pais de alunos - no combate à criminalidade nos colégios. Marcelo Nantes

MARCELO NANTES

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

01 JUL 1999